

PRECONCEITO RACIAL E RESISTÊNCIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM A OBRA *A COR DA TERNURA*, DE GENY GUIMARÃES

Francisca Luana Rolim Abrantes¹
Virna Lúcia Cunha de Farias²

RESUMO: Conforme a lei 10.639/2003, as escolas precisam incluir, nos currículos de História, Língua Portuguesa e Artes, o estudo das questões étnico-raciais, a fim de levar os alunos a não só a refletirem sobre o racismo, mas também a combatê-lo em nosso dia a dia. Nesse sentido, levando em consideração a relevância dessa lei para uma educação antirracista no espaço escolar, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura voltada aos alunos do 1º ano do Ensino Médio com a obra *A cor da ternura*, de Geny Guimarães. Tal proposta foi desenvolvida a partir das etapas principais do Método Recepcional (Bordini e Aguiar, 1988). Os questionamentos que motivaram o nosso trabalho foram: a) Como abordar, em sala de aula, a obra *A cor da ternura*, de Geny Guimarães? b) Que conflitos a personagem vivencia em seu dia a dia devido a sua cor? c) Como a protagonista da narrativa lida com o racismo? Para responder a tais indagações, nossa pesquisa pautou-se nos estudos de Almeida (2019), Chimamanda (2013), Schwarcz (2019), entre outros. Como resultado, nota-se que a obra de Geny Guimarães pode levar os alunos a não só refletirem sobre as diversas opressões sofridas pelas personagens negras, mas também a combaterem esse tipo de violência em nosso cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito racial, Resistência, Literatura infantojuvenil, *A cor da ternura*, Geny Guimarães.

¹ Doutora em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Professora substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)/ Campus- Santa Rita. E-mail: luanarolimabrantess@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba; Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)/Campus- Picuí; E-mail: profvirlucia@gmail.com.



Introdução

De acordo com a Lei nº 10.639/2003, as escolas devem incluir em seus currículos o estudo da cultura afro-brasileira e africana nas disciplinas de Língua Portuguesa, História e Artes. Essa medida tem como objetivo valorizar e divulgar as contribuições do povo negro para a cultura e para a construção da identidade nacional, além de promover o combate ao racismo, que ainda persiste de forma significativa em nossa sociedade.

O ensino da diversidade étnico-racial constitui um componente obrigatório no contexto educacional, exigindo dos docentes uma reflexão aprofundada acerca dessa temática. Tal abordagem busca não apenas assegurar o cumprimento de um direito legalmente instituído, mas também promover a reparação simbólica e social das injustiças históricas sofridas por populações negras, pardas e indígenas.

Em consonância com essa lei, a Base Nacional Comum Curricular (2018) também busca orientar o currículo das instituições educacionais no tocante à promoção de uma educação antirracista. Esse documento destaca, na área de Linguagem e suas Tecnologias para o Ensino Médio, a seguinte competência:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p.492).

Como podemos observar, essa competência busca incentivar o professor a desenvolver aulas que levem os alunos a refletirem sobre as diversas violências que ocorreram não só no passado, mas que também reverberam no presente, como por exemplo, as marcas da escravidão, do colonialismo na sociedade atual, com o intuito de pensarmos sobre esse tipo de violência e, principalmente, de lutarmos por uma sociedade mais justa, humana e democrática.

A literatura através das veredas ficcionais pode ajudar os alunos não só a pensar sobre as opressões cometidas aos sujeitos negros (violências física, psicológica, policial, racismo institucional, etc.), mas também a se colocar no lugar dessas pessoas, levando-os, assim, a combaterem essas violências que pairam sobre a população preta (Figueiredo, 2017).

Diante dessas reflexões iniciais, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura voltada aos alunos do 1º ano do Ensino Médio com a obra *A cor da ternura*.



Essa proposta foi pensada para ser realizada no decorrer de 12 aulas de 40 minutos.

A cor da ternura, de Geni Guimarães, é uma narrativa infantojuvenil, cuja história retrata as experiências de uma menina negra que sofre diversos preconceitos devido a sua cor. Mesmo diante de tamanhas violências, a personagem resiste não só às opressões sofridas, como também consegue realizar o sonho de ser professora.

A narrativa é configurada em dois tempos: infância e adolescência, fases marcadas por ofensas verbais praticadas por pessoas próximas à personagem e ao pai; fase adulta – período em que, já formada em Pedagogia, vai trabalhar em uma instituição escolar e, no primeiro dia de aula, é recebida pela diretora e pelas mães que a observam com indiferença e, sobretudo, com olhares duvidosos em relação a sua capacidade como docente.

Em meio a esses olhares intolerantes, Geni busca resistir à violência sofrida, mostrando, assim, tamanha competência para exercer as atividades docentes naquele espaço. Através de uma linguagem simples e envolvente, a autora nos leva não só a pensar sobre a naturalização da violência praticadas às pessoas negras, mas também a importância de se combater esse tipo de opressão em nossa sociedade.

Tal proposta foi desenvolvida a partir do Método Recepcional, criado por Bordini e Aguiar (1988), cuja proposta de leitura visa à participação ativa do leitor, de forma que ele possa tecer interpretações acerca da obra lida e, assim, ampliar o seu ponto de vista a partir das discussões que são tecidas ao longo de cada etapa.

Esse método³ é composto por cinco etapas, no entanto, nós priorizamos apenas quatro etapas: a) *horizonte de expectativa do leitor*- momento em que o professor deverá sondar os gostos literários dos alunos, analisar se esses educandos já tiveram contato com o tipo de literatura que pretende levar para a turma, se já tiveram a oportunidade de estudar algo sobre o autor a ser estudado; b) *atendimento do horizonte de expectativa do leitor*- etapa em que o docente deverá não só apresentar a obra a ser trabalhada com os educandos, mas também realizar a leitura de forma integral e coletiva com os estudantes. Esse é um momento que exige uma duração maior de aula, pois é importante o docente priorizar uma leitura bastante minuciosa, sem pressa; c) *questionamento do horizonte de expectativa do leitor*- nesta etapa, o educador deve promover a discussão da obra em forma de debate, pois além de priorizar o ponto

³ Cabe ressaltar que nós só priorizamos apenas quatro etapas do método recepcional por entendermos que a *ruptura do horizonte de expectativa do leitor* demanda um tempo maior do aluno em contato com a obra literária. Além disso, como Bordini e Aguiar (1988) puderam, o método não é uma camisa de força, ele pode ser adaptado pelo professor.



de vista do discente é, também, uma forma de promover uma aula dialógica e democrática; d) *ampliação do horizonte de expectativa do leitor*- momento em que o professor deverá levar outras leituras que dialogam com a temática explorada nas aulas, a fim de que os discentes possam ampliar suas discussões acerca do tema em estudo.

Os questionamentos que motivaram o nosso trabalho foram: a) Como abordar, em sala de aula, a obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães? b) Que conflitos a personagem vivencia em seu dia a dia devido a sua cor? c) Como a protagonista da narrativa lida com o racismo? Para responder a tais indagações, nossa pesquisa pautou-se nos estudos de Almeida (2019), Chimamanda (2013), Chartier (2002), (2019), Schwarcz (2019), entre outros.

2. O Ensino de Literatura numa Perspectiva Antirracista e a Formação do Leitor

Conforme afirma Dalvi (2021), o professor de Língua Portuguesa/ Literatura precisa escolher obras literárias que levem os alunos a não só pensar sobre a vida, mas também sobre os diversos dilemas que abarcam os sujeitos em seus cotidianos numa perspectiva de formação do leitor. Para essa estudiosa: “É preciso saber que sujeitos pensamos formar e que sociedade queremos construir a partir das nossa aulas de língua e literatura” (Dalvi, 2021, p.35).

Ao dialogar com essa estudiosa, evidencia-se a responsabilidade e o compromisso ético que o docente deve assumir nas aulas de Literatura. Por meio dos textos trabalhados em sala, o professor tem a possibilidade de conduzir os alunos à reflexão crítica sobre a sociedade, promovendo valores como a igualdade, a reparação de injustiças, o respeito à democracia e, sobretudo, a empatia entre os estudantes -princípios ressaltados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Diante de uma sociedade que, em seu cotidiano, está diluído o racismo estrutural, observa-se, cada vez mais, a relevância de se discutir textos literários que promovam uma reflexão sobre as opressões que abarcam os sujeitos negros numa perspectiva antirracista. Isto porque a Literatura pode não só mostrar as diversas realidades que configuram a violência sofrida pelas pessoas pretas/pardas, mas também levar o aluno a compreender esse passado, o processo de escravidão no Brasil e, principalmente, a naturalização da violência em nossa sociedade.

Como bem destaca Lilia Schwarcz (2019), é preciso voltar ao passado para que, assim, possamos compreender a nossa história e, principalmente entender não só a violência praticada



aos sujeitos negros ao longo de três séculos, mas também no contexto moderno. Embora a escravidão já tenha sido abolida há anos, os altos índices de violência contra as pessoas pretas ainda ressoam na sociedade atual, pois eles continuam sendo praticados através da invisibilidade desses sujeitos, bem como da manutenção de privilégios das classes brancas. Vejamos:

[...] criamos uma nação profundamente desigual e racista, cujos altos índices de violência não pararam nos tempos da escravidão. Eles têm sido reescritos na ordem do tempo contemporâneo, que mostra como o racismo ainda se agarra a uma ideologia cujo propósito é garantir a manutenção de privilégios, aprofundando a distância social (Schwarcz, 2019, p.36).

A partir do trecho acima, observa-se que Schwarcz evidencia o caráter sistêmico do racismo, um fenômeno que perpetua desigualdades e dificulta a concretização da justiça social. Além disso, a autora convida-nos à reflexão crítica sobre as formas pelas quais as estruturas de poder e os discursos hegemônicos continuam a reproduzir e legitimar práticas discriminatórias, reforçando, assim, a necessidade de uma postura ética e educativa comprometida com o enfrentamento do racismo.

Em sintonia com essa estudiosa, o historiador francês Roger Chartier(2002), em um artigo chamado *O mundo como representação social*, afirma que percebemos uma realidade da forma que nos deram a ler. Assim, como o negro, a mulher e outras minorias não tiveram a oportunidade de contar a História, quem a contou, construiu as representações sociais que lhes foram convenientes acerca do negro, por exemplo, já que as minorias estavam ausentes do processo da escrita da história, como também ausentes da literatura ou presente nela em um lugar subalterno. Para esse historiador:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier,2002, p. 17).

De acordo com o estudioso francês, as representações sociais construídas em torno de figuras como o negro configuram-se como uma forma de violência simbólica, que substitui e perpetua a violência física. Além disso, ele pondera que o indivíduo já nasce sob o peso dessas representações — o seu modo de ser, a forma como será interpretado pela sociedade e os lugares



que lhe serão atribuídos já estão, de certo modo, pré-determinados. Assim, o sujeito nasce com uma história sobre si contada por outrem. Nessa lógica, a escola não é vista como um espaço para o negro, nem os cargos de prestígio que exigem o uso do intelecto. A ele são reservados, historicamente, os trabalhos braçais, a cozinha, o lugar do subalterno perante a classe dominante.

Dessa forma, ao trabalhar as obras cujas narrativas retratam as diversas realidades vividas pelas pessoas negras no espaço escolar, o professor estará não só promovendo uma educação literária numa perspectiva antirracista, bem como rompendo com a violência simbólica presente nas representações sociais. Através do incentivo à leitura de autoria negra, o docente poderá levar o aluno a pensar as desigualdades sociais que atingem as pessoas negras/pardas.

Enfim, é crucial pensar um ensino de literatura que busque refletir sobre a diversidade étnico-racial, pois como bem afirma Schwarcz (2019, p.40): “quando se trata da questão racial, estamos muito longe do “viveram felizes para sempre”. Continuamos combinando inclusão cultural com exclusão social — mistura com separação — e carregando grandes doses de silêncios e não ditos”.

3. *A cor da ternura*, de Geni Guimarães: uma proposta de leitura para o ensino médio

Para trabalhar a obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, o professor deverá seguir as etapas principais do método recepcional, a saber: a) sondagem do horizonte de expectativa do leitor; b) atendimento do horizonte de expectativa do leitor; c) Questionamento do horizonte de expectativa do leitor; d) ampliação do horizonte de expectativa do leitor.

Nesse sentido, a fim de sondar o horizonte de expectativa da turma, o professor deverá fazer as seguintes perguntas aos alunos: 1. Vocês já leram a obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães? 2. Já ouviram falar sobre esta autora? Após esses questionamentos, busque falar um pouco sobre a vida e as obras dessa escritora.

Após esse momento, apresente a canção *Metamorfose ambulante*, do cantor e compositor Raul Seixas, texto mais acessível e do conhecimento de muitos jovens. Em seguida, é interessante refletir, junto aos discentes, sobre o significado da palavra metamorfose, a fim de se preparar para as discussões sobre o tema abordado no capítulo *homônimo*, da obra em estudo.

Ao concluir esse primeiro momento com a turma, o docente partirá para o *atendimento*



do questionamento do horizonte de expectativa do leitor- etapa em que os alunos serão instigados a ler a narrativa *A cor da ternura*, de Geni Guimarães. Para a concretização desta atividade, é importante a organização das cadeiras em círculo, uma vez que tal disposição favorece a descentralização da figura docente, promovendo um espaço dialógico no qual todos os participantes possam manifestar-se e sentir-se plenamente integrados ao processo de leitura.

Caso o professor queira, também pode solicitar aos discentes a produção de um diário de leitura contendo as seguintes sessões: a) vida e obras, de Geni Guimarães; b) trechos interessantes da narrativa; c) comentários acerca dos fragmentos destacados no diário. Essa atividade além de incitar o aluno a registrar a experiência do leitor com a obra lida, pode ajudá-lo a compreender a narrativa em estudo.

É importante destacar que, antes de solicitar esse tipo de atividade, o docente deve não só trabalhar esse tipo de gênero textual, mas também apresentar as características e finalidades, com o propósito de situar o aluno acerca dessa produção textual, pois como bem salienta Irandé Antunes (2007, p.47), “é imprescindível saber como cada gênero de texto se compõe; ou seja, quais as partes que o constituem e em que ordem tais partes devem aparecer”.

Terminada essa etapa, o professor prosseguirá com o questionamento do horizonte de expectativa do leitor, que deve ser realizado em forma de um debate literário. Tal atividade propicia não só a exposição de ideias acerca da narrativa lida, mas também o confronto, de maneira respeitosa, entre os educandos frente à obra.

A fim de nortear o debate, o docente fará as seguintes perguntas aos alunos: 1. De que fala a obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães? 2. Que tipo de opressão a personagem vivencia em seu dia a dia? 3. Como Geni lida com o preconceito racial? 4. A avó de Geni tem consciência da opressão sofrida pelos sujeitos negros ou apenas tenta propagar os discursos que ouviu acerca deles? 5. Como Zumbi dos Palmares é apresentado na narrativa? 6. Geni tem consciência de si e de que existe uma outra história sobre a condição do negro, mesmo isso sendo repassado através de um discurso que busca a manutenção dessa narrativa única?

Finalizado o debate, o educador irá para a ampliação do horizonte de expectativa do leitor. Nesta etapa, sugerimos a leitura de trechos do livro *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie, uma obra que busca refletir sobre narrativas estereotipadas de lugares, pessoas e culturas que são contadas apenas numa única perspectiva, sem que outras histórias sejam ouvidas. Para embasar essa reflexão, o docente poderá usar os seguintes trechos:



Trecho 1:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Chimamanda, 2009, p.16).

Trecho 2:

A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos (Chimamanda, 2009, p.14).

Trecho 3:

[...]quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso (Chimamanda, 2009, p.16).

Ao trazer esses trechos, é interessante que o docente promova um diálogo entre o capítulo *Alicerce*, de Geni Guimarães e o texto de Chimamanda. Isto porque o fragmento levará os alunos a refletirem sobre “*o perigo de uma história única*” que, durante muito tempo, foi proferido às pessoas negras. Vejamos:

[...]

Quando já cursando o ginásio eu chegava com o material debaixo do braço, via-o esperando por mim no início da estrada, na chegada da colônia. Num desses dias, quando atrevessávamos a fazendinha e falávamos sobre meu estudo, ele disse:- Tem que ser assim, filha. Se nós mesmos não nos ajudarmos, os outros é que não vão. Nisso ia passando por nós um administrador que, ao parar para dar meia dúzia de prosa, cumprimentou meu pai e lhe falou:- Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor. - É que eu não estou estudando ela pra mim- disse meu pai. - É pra ela mesmo (Guimarães,1991, p. 72-73).

Neste diálogo, é interessante que o docente leve os educandos a perceberem que, no fragmento destacado, há um discurso estereotipado de que as atividades braçais pesadas estão relegadas aos sujeitos negros, de que essas pessoas não podem ocupar espaços politizados, que busquem incitar o pensamento crítico.

Além disso, é relevante que o professor aprofunde a discussão incitando os discentes a compreenderem que, durante muito tempo, as novelas brasileiras reforçaram esse estereótipo ao limitar a presença de pessoas negras a papéis de empregadas domésticas ou trabalhadores subalternos. Também é interessante destacar que essa representação reducionista contribuiu



para cristalizar preconceitos, restringindo a visão social sobre as possibilidades de atuação da população negra. Assim, ao problematizar essas construções midiáticas em sala de aula, o educador pode ajudar o estudante a identificar e questionar esses mecanismos de invisibilidade do sujeito negro na sociedade.

Por outro lado, é necessário destacar que o pai de Geni rompe com o discurso do administrador da propriedade onde trabalha, destacando que a educação é um direito, um caminho de emancipação para a filha, e não um investimento de retorno pessoal para ele. Essa postura paterna quebra a narrativa racista e reafirma o valor da dignidade e do futuro da menina.

Também é preciso salientar que, embora o pai da personagem não responda de imediato à violência simbólica sofrida — possivelmente em razão da condição de subalternização em que se encontra, como homem negro, pobre e sem acesso à escolaridade —, ele reafirma sua presença e autoridade ao defender com firmeza o direito da filha à educação.

Ademais, é fundamental destacar que, mesmo diante do racismo sofrido pela personagem, a narrativa evidencia o valor do afeto, em especial na relação entre pai e filha. A ternura é apresentada como estratégia de resistência e como ato político. Ao incentivar os estudos da filha, o pai, ainda que imerso em um contexto de pobreza e opressão, manifesta amor e confiança, demonstrando que o cuidado também constitui uma forma de enfrentamento ao racismo.

Enfim, ao trazer esses textos para discutir com os alunos em sala de aula, o docente além de buscar romper com os discursos totalizantes sobre os sujeitos negros na nossa sociedade, também estimulará a valorização das narrativas que reafirmam a emancipação dessas pessoas, a reparação de injustiças sociais, a dignidade e o direito à educação como instrumento de transformação social.

Considerações finais

Nota-se que a obra de Geni Guimarães pode levar os alunos a não só refletirem sobre as diversas opressões sofridas pelas pessoas negras, mas também a combaterem esse tipo de violência no cotidiano. Através das etapas principais do método recepcional, é possível traçar um caminho metodológico significativo que leve o aluno a não só se envolver com a obra *A cor da ternura*, mas também a refletir sobre as opressões que as pessoas pretas/pardas vivenciam no dia a dia. Esse método, embora não seja novo, acaba sendo inovador no contexto da sala de



aula porque além de priorizar o ponto de vista do aluno, também instiga ao debate coletivo acerca da obra em estudo.

Por meio da narrativa, é possível perceber que a personagem além de sofrer preconceitos ligados aos seus traços fenotípicos negros, também enfrenta situações de racismo na escola onde trabalha. No entanto, com muita afetividade e resistência, Geni mostra que é possível lutar não só para se manter em espaços relegados a determinados grupos sociais, mas também ter acesso a outros bens inerentes a pessoa humana, como por exemplo, à educação.

Ademais, a personagem além de romper com os discursos totalizantes acerca dos sujeitos negros, tem consciência de si e de que existe uma outra história sobre a condição do negro, mesmo isso sendo repassado através de um discurso que busca a manutenção dessa narrativa única.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras, 2019.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2.ed. Rio de Janeiro, 2002. DE CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2025.

DALVI, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. In. *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). São Paulo: Parábola, 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*; Ilustrações Saritah Barboza. – 2. Ed. – São Paulo: FTD, 1991 – (Coleção canto jovem).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEIXAS, Raul. *Metamorfose Ambulante*. Rio de Janeiro: Philips, 1973. Disponível em:



<https://www.youtube.com/watch?v=7VE6PNwmr9g> . Acesso em: 20 de setembro de 2025.

